

BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

ALAINA URQUHART

coapresentadora do
MORBID,
o podcast de
true crime de
maior sucesso
no mundo

O
CARNICEIRO

ROMANCE

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO SEM DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

ALAINA URQUHART

O
CARNICEIRO

ROMANCE

Tradução

Marcia Blasques



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Alaina Urquhart, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Marcia Blasques, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Butcher and the Wren*

Preparação: Lígia Alves
Revisão: Diego Franco Gonçalves e Carmen Costa
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Evan Gaffney
Adaptação de capa: Fábio Oliveira
Imagem de capa: D-Keine / Getty Images; Gorgev / Shutterstock;
IrinaK / Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Urquhart, Alaina
O carneiro / Alaina Urquhart; tradução de Marcia Blasques. -
São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
256 p.

ISBN 978-85-422-2243-2
Título original: *The Butcher and the Wren*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Blasques, Marcia

23-2404

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo
responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PRIMEIRA **PARTE**



Planeta

CAPÍTULO 1

JEREMY ESCUTA OS GRITOS PELOS DUTOS DO AQUECEDOR. Escuta, mas não reage. A rotina noturna é essencial. Suas tarefas mundanas e cotidianas o tornam mais ele mesmo. O simples ato de abrir a velha torneira em seu banheiro asseado o traz para a realidade, lhe dá foco. Normalmente ele termina a noite parado diante do espelho. Toma um banho, e, após isso, quase sempre se segue um barbear rente e tranquilo. Ele gosta de ir para a cama com o corpo e a mente limpos. Todas as noites reserva tempo para esses preparativos, garantindo que ocorram a despeito de qualquer perturbação externa.

Esta noite um grito particularmente alto o tira de sua rotina. Ele olha para o espelho, com a raiva se entranhando em seus sentidos. Ele a percebe crescendo, como uma raiz invasora. Os gritos quase ritmados que se erguem do porão o impedem de pensar com clareza. Desde que consegue se lembrar, sempre odiou barulho. Na infância, quando estava em meio aos sons de um lugar lotado, era como se os arredores se fechassem sobre ele feito um torno. Agora, os únicos sons de que ele gosta são os que vêm do pântano. A sinfonia das cria-

turas o acalma como um cobertor quente. A natureza sempre cria as melhores trilhas sonoras.

Jeremy tenta bloquear os gritos. Esta rotina é sagrada. Ele suspira, coloca no lugar uma mecha de cabelo loiro que caiu em sua testa e liga o rádio perto do lavatório. O outro momento em que os sons lhe trazem certo consolo é quando escuta música. Bem quando está perto do alívio, “Hotline Bring”, de Drake, toca pelos alto-falantes, e ele desliga o rádio imediatamente. Às vezes parece que Jeremy nasceu na época errada.

Lentamente, ele limpa o sangue e a sujeira das mãos, tentando não se preocupar com os gemidos abafados e agonizantes que escapam alto demais pelos dutos do aquecedor. Ele olha para o próprio rosto no espelho com severidade. A cada ano, é como se suas maçãs do rosto se erguessem um pouco mais e se tornassem mais proeminentes. É uma consequência estranhamente satisfatória que o envelhecimento lhe traz, e ele se sente abençoado por isso. Muitas pessoas “ajustadas” admiram um crânio bem esculpido. A maioria nem chega a entender quão primitiva e sinistra é essa fixação em particular. Grande parte das pessoas não se permite ver o lado selvagem de uma psique que foi moldada há milhares de anos, a partir da necessidade geralmente brutal de seus ancestrais de sobreviver. Esses são os traços que a evolução considerou úteis. As pessoas são apenas tolas demais para entender que suas próprias predileções sugerem um caldo genético enraizado na brutalidade.

Jeremy não parece alguém enredado na perversão. Ele se mostra inócuo e, às vezes, pode parecer totalmente saudável. É por isso que tudo funciona. Existe uma planta chamada

Amorphophallus titanium, coloquialmente conhecida como flor-cadáver. É grande, bonita e desprovida de qualquer mecanismo externo que sugira que ela é perigosa. Mesmo assim, quando floresce, a cada dez anos mais ou menos, exala um odor que lembra carne podre. Mas sobrevive. Prospera. Ele não é tão diferente da flor-cadáver. As pessoas se reúnem em torno dessa curiosa planta, e ela de fato possui uma base de admiradores, apesar de suas peculiaridades.

Amanhã é quinta-feira. As quintas são suas sextas, mas ele odeia de verdade quando as pessoas dizem esse tipo de coisa. Mesmo assim, desfruta do luxo de tirar as sextas de folga desde que começou seu segundo ano na Faculdade de Medicina da Universidade de Tulane. Ainda que tenha algumas aulas para acompanhar, as sextas-feiras são o início do seu fim de semana, que é quando ele consegue fazer grande parte do seu trabalho. E ele está particularmente animado, pois tem bons planos para seus hóspedes atuais nesses dias. Claro que executar os planos em todo o seu potencial vai depender de sua capacidade de acrescentar mais uma pessoa ao grupo.

Emily se juntaria a eles, seguramente. Foram semanas de análise depois que os dois começaram sua parceria no laboratório de biologia, e ele agora tem certeza de que ela garantiria o desafio que ele tanto deseja. Emily corre alguns dias por semana e não parece encher o corpo de lixo, então, provavelmente tem energia. Ela mora com duas colegas em Ponchatoula, onde alugam uma casa grande e antiga, fora do campus. Além de uma disposição para revelar muito sobre si mesma para seu novo parceiro de laboratório, ela é competente,

autoconfiante e inteligente, características que serviriam muito bem ao jogo dele. As demais companhias também têm seu valor, mas ele imagina que, depois da prolongada estadia em sua casa, não vão estar animadas para o fim de semana inteiro de atividades que ele planejou para o grupo.

Seus outros dois convidados já passaram por alguns incentivos desde que chegaram, no sábado à noite. Jeremy conseguiu envolver os dois no Buchanan's sem qualquer preparativo prévio. Em geral ele levava algum tempo para conhecer seus hóspedes potenciais, como fez com Emily, mas esses dois caíram do céu. É como se o universo estivesse pedindo para ele cuidar do lixo. É claro que ele aceitou.

Katie e Matt são dolorosamente normais. Carecem de qualquer senso de pensamento próprio e estavam mais do que ansiosos para ir à casa de alguém bem-apessoado apenas com a promessa de drogas. Os dois agora sabem que fizeram uma péssima escolha. Jeremy escuta um gemido angustiado escapar mais uma vez pelo duto de aquecimento e percebe que está perdendo a paciência.

Ele abandona seu ritual noturno e desce apressado a escada até o porão, onde estão seus hóspedes. Consegue ouvir imediatamente que os gemidos baixos de Katie se transformam em ganidos de medo, e o corpo pequeno dela se encolhe fisicamente quando ele se aproxima.

— Você precisa estar ciente do fato de que está hospedada na casa de alguém — ele diz, olhando direto para os olhos castanhos lamacentos dela.

Ela é irremediavelmente normal. Cabelo castanho e sem vida que gruda no pescoço com o sangue coagulado como

se estivesse colado. Sua estética é inteiramente de gatinha, embora ela tente desesperadamente esconder isso. O aspecto de seus dentes, que quase se parecem com os de um rato, poderia ser considerado charmoso se ela não fosse tão absurdamente obtusa. Quando ele se aproximou dela no bar, ela estava presenteando Matt com uma historinha sobre seus tempos de líder de torcida na escola – um relato patético que parecia absurdo, considerando a forma que ela se encontra neste momento. Ele ajusta as correias que a prendem à cadeira e se assegura de que a bolsa de soro intravenoso esteja hidratando o sistema dela de maneira adequada. Nenhuma dobra na cânula, e a bolsa ainda está quase cheia.

— Matt está sendo respeitoso. Faça como o Matt, Katie. — Ele sorri de orelha a orelha e faz um gesto na direção do corpo silencioso e imóvel de Matt, largado na cadeira ao lado dela.

Ambos sabem que ele desmaiou, provavelmente por causa do choque, durante a visita anterior de Jeremy. Katie começa a chorar alto, e ele revira os olhos. Ela está testando a gentileza dele, e Jeremy está ficando cada vez mais enojado com o desespero dela. Ele fica parado em silêncio no escuro ao lado dela, apertando o play no aparelho de som portátil entre as duas cadeiras. “A Girl Like You”, de Edwyn Collins, preenche o espaço. Ele sorri para si mesmo. Enfim um som decente.

— Ah, assim é melhor. — Ele se remexe com a música e dá a Katie a oportunidade de se recompor.

No fim do primeiro refrão, ela começa a chorar mais alto ainda. Sem hesitar, ele pega o alicate atrás da cadeira dela e, com um movimento rápido, arranca a unha pútrida e

rosa-choque de seu polegar esquerdo. E, quando ela grita, ele puxa o rosto dela até quase encostar no dele.

— Faça qualquer outro som e eu começo a arrancar os seus dentes. Entendeu? — ele ameaça.

Tudo o que ela consegue fazer é assentir, e ele joga o alicate de lado. Com uma piscadela, sobe a escada.

Ele não foi criado com muita misericórdia. Na verdade, foi criado com quase nada. Seu pai era um homem duro, apesar de justo, que esperava certo nível de submissão em sua casa, tanto da esposa quanto do filho. Se Jeremy pegasse o pai numa boa hora, aprendia habilidades e lições duradouras, sempre por meio de instruções cuidadosas. Um mecânico de aviões na cidade, o pai de Jeremy mantinha em casa várias peças de equipamento aeroespacial. Embora não fosse um trabalho que exigisse educação formal, Jeremy sempre se orgulhou do fato de o pai trabalhar com aviões, e o tempo todo estava disposto a aprender sobre essa que é uma das invenções mais significativas da humanidade. No entanto, se aparecesse no momento errado, Jeremy era recebido de forma cruel.

Apesar da volatilidade do pai, todos os dias Jeremy ansiava pelo momento em que ele chegava do trabalho. Os dois não faziam muitas coisas juntos, mas era isso que ele mais apreciava. Depois de passar o dia todo com a mãe, ele gostava do silêncio confortável que pairava entre eles enquanto assistiam a alguma coisa na TV, antes da hora de dormir. Seus dias eram basicamente preenchidos com uma pesada dose de negligência temperada com alguns momentos de excesso de atenção da mãe, como se ela não conseguisse regular sua afeição. Ela sempre era ou demais ou de menos.

Um descanso constante dos caprichos imprevisíveis de seus pais vinha dos livros, que sempre prenderam a atenção de Jeremy. Aos sete anos, ele ainda não tinha entrado na escola. Por mais negligente que fosse, de vez em quando a mãe o levava à biblioteca na avenida St. Charles. Eles sempre iam lá durante a semana, enquanto o pai dele estava trabalhando. Jeremy não entendia, naquela época, que sua mãe levava o único filho à biblioteca a fim de poder manter seu caso com um dos bibliotecários, mas ele absorveu as lições sobre enganação que esses passeios proporcionavam. Aprendeu desde cedo a nunca contar para o pai que a mãe o deixava sozinho vagando pelas estantes, enquanto ela se retirava para uma sala nos fundos com o sr. Carraway. Mais importante ainda, ele ensinou a si mesmo a roubar. Levava livros para casa, no casaco ou na mochila, sabendo que a mãe não iria verificar. Hoje, Jeremy tem quase certeza de que os funcionários simplesmente olhavam para o outro lado por pena dele, mas, naquela época, sentia como se estivesse envolvido em furtos semanais.

De vez em quando a sra. Knox, uma das bibliotecárias, tentava conversar com ele. Um dia ela ousou perguntar se estava tudo bem em casa, e a voz dele tremeu de preocupação. Ele não respondeu e, em vez disso, pediu para ela um livro sobre lobotomia. Fazia pouco tempo que ele se encantara com esse procedimento médico arcaico e com seu praticante mais entusiasta, o dr. Walter Freeman. No fim de semana, o pai assistira à reprise de um episódio de *Frontline* chamado “Mentes fraturadas”. Era um olhar chocante sobre o sistema de saúde mental e destacava um método para lobotomizar

pacientes diagnosticados com diversas doenças, em especial a esquizofrenia, cortando o circuito presumido ou a rede de circuitos que, acreditava-se, era responsável pelo comportamento atípico do paciente.

A lobotomia pré-frontal do dr. Freeman atraiu demais sua atenção. A alcunha “lobotomia com picador de gelo” era um apelido excepcionalmente provocativo. Evocava imagens de um cirurgião imaculado, incomodado pelo desejo de explorar a mente doente. Mais tarde, em 1992, quando ouviu o termo lançado de maneira descuidada no noticiário, como um método que o serial killer Jeffrey Dahmer usava para subjugar suas vítimas, Jeremy ficou enojado. Dahmer era tão perturbado que pensou que poderia fabricar seus próprios zumbis injetando produtos de limpeza e ácidos nos cérebros das vítimas. Era um imbecil. Chamar o que ele fazia de “lobotomia” era como chamar o que Ted Bundy fazia de “namoro”. Jeremy praticamente podia ouvir o dr. Freeman se revirando no túmulo.

Jeremy era uma criança que ansiava por conhecimento. E, cronicamente pouco estimulado, saciava seu apetite por meio da experimentação. Um dos primeiros conselhos do pai ecoou em sua mente ao longo dos anos.

— Quer aprender sobre alguma coisa, filho? Você tem que pegar essa coisa e abrir para saber.